

## Práticas de Vigilância do Trabalho Jornalístico Emergentes na Pandemia de Covid-19<sup>1</sup>

Aline Barbosa OLIVEIRA<sup>2</sup>  
Bruna Martins BATISTA<sup>3</sup>  
José Ítalo da Silva RAIMUNDO<sup>4</sup>  
Verônica Almeida de Oliveira LIMA<sup>5</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba, PB

### RESUMO

O presente artigo se dedica a pesquisar as práticas de vigilância do trabalho que emergiram durante a pandemia de Covid-19, a partir das mudanças nas rotinas produtivas dos jornalistas que atuaram no regime *home office*. Percebeu-se que por causa da emergência sanitária global, alguns profissionais tiveram que continuar trabalhando de casa e, com isso, novas estratégias de vigilância do trabalho emergiram, inaugurando formas de acompanhamento das rotinas de trabalho. Por meio da entrevista em profundidade, verificou-se algumas práticas iniciais de vigilância por meio de *softwares* e dispositivos tecnológicos. Tal contexto incide sobre as rotinas de trabalho dos jornalistas entrevistados, mudando a forma como o trabalho é realizado, assim como o tempo que é dedicado a este, e o resultado da sua produção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Capitalismo de Vigilância; Rotinas Produtivas; Telejornalismo; Covid-19; Home Office.

### INTRODUÇÃO

Este artigo faz parte da pesquisa que vem sendo desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, da Universidade Estadual da Paraíba (PIBIC/UEPB), que busca compreender as mudanças que ocorreram nas rotinas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 10º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e-mail: [aline.barbosa@aluno.uepb.edu.br](mailto:aline.barbosa@aluno.uepb.edu.br)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 9º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e-mail: [bruna.batista@aluno.uepb.edu.br](mailto:bruna.batista@aluno.uepb.edu.br)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e-mail: [jose.raimundo@aluno.uepb.edu.br](mailto:jose.raimundo@aluno.uepb.edu.br)

<sup>5</sup> Orientadora do trabalho. Professora doutora do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e-mail: [veronicoliveira@servidor.uepb.edu.br](mailto:veronicoliveira@servidor.uepb.edu.br)

---

produtivas das redações de TV de Campina Grande (PB) a partir da pandemia de Covid-19 que chegou ao Brasil em 2020. Este trabalho, todavia, se debruça em compreender como as mudanças das rotinas produtivas nas TV's de Campina Grande desencadearam o aparecimento de formas de controle do trabalho de telejornalistas que atuaram na modalidade *home office*, durante a pandemia. A pesquisa também aborda as dificuldades, o processo de adaptação e os impactos na produtividade dos jornalistas que desenvolveram suas atividades de casa.

Parte-se aqui do pressuposto de que, sendo o jornalismo uma atividade que demanda uma rotina e etapas de produção como qualquer indústria, ele também acompanha o ritmo do desenvolvimento capitalista. Assim, no contexto do capitalismo de vigilância, a tecnologia é utilizada para facilitar o trabalho ao passo que também serve como vigia das atividades do trabalhador e de sua produtividade e o jornalismo também se apropria desse contexto. A ida de jornalistas para o *home office* fez com que eles dependessem muito das tecnologias para mediar o contato com as demandas da redação e assim conseguir exercer seus trabalhos, porém, ao mesmo tempo em que a tecnologia favoreceu a produção, também inaugurou novas formas de vigilância do trabalho, como se verá a seguir.

## **O CAPITALISMO E A VIGILÂNCIA DO TRABALHO**

O capitalismo, sistema econômico baseado na propriedade privada dos meios de produção e na sua operação com fins lucrativos, à medida que a sociedade foi se desenvolvendo buscou se reconfigurar em meio a globalização até chegar à forma que se conhece hoje. Nesse sistema, os meios de produção como máquinas, terras ou instalações industriais têm a função de gerar renda por meio do trabalho.

Coutinho (2009) afirma que o processo de trabalho na sociedade capitalista contemporânea tem como fim satisfazer necessidades humanas. Ou seja, a produção não se dá somente de valores de uso, inclusive, as mercadorias são valores de trocas utilizadas para valorizar o capital. Para a autora, o trabalho humano é uma atividade que exige diferentes olhares para sua compreensão. Com base nesse argumento, considera-se que o trabalho é “uma atividade humana, individual ou coletiva, de caráter social, complexa, dinâmica, mutante e irreduzível a uma simples resposta instintiva ao imperativo biológico da sobrevivência material” (COUTINHO, 2009, p. 191).

---

É, portanto, em razão desse dinamismo que Santos (2011) descreve que os modos de gestão e fiscalização do trabalho passaram por um processo de modernização se associando com a tecnologia.

A fábrica moderna introduziu na divisão do trabalho técnicas e procedimentos referentes à organização da produção e do processo de trabalho que delimitavam a fiscalização e a disciplina com o objetivo de reunir e coordenar a força de trabalho conforme os objetivos e interesses dos capitalistas. A produção ampliada do capital, sua valorização, requer modos de organizar e gerir que atenda aos propósitos exclusivos do capital. (SANTOS, 2011, p. 2)

Em contrapartida, no que se refere a classe trabalhadora, Antunes (2009, p. 196) afirma que ela é “mais ampla do que o proletariado industrial do século passado”. Na virada deste século, houve, por exemplo, uma crescente tendência em escala mundial de trabalhadores temporários ou parciais. Esses que, por sua vez, vendem sua força de trabalho em troca de salário e ainda assim são desprovidos dos direitos mínimos do trabalho (ANTUNES, 2009).

Nas últimas décadas, paralelamente à redução dos empregos estáveis, aumentou em escala explosiva o número de trabalhadores, homens e mulheres, em regime de tempo parcial, em trabalhos assalariados temporários. Essa é uma forte manifestação desse novo segmento que compõe a classe trabalhadora hoje, ou a expressão desse novo proletariado. (ANTUNES. 2009, p.199)

A partir deste ponto de vista proposto pelo autor, observa-se que atualmente no mercado de trabalho estão cada vez mais frequentes os trabalhos em tempo parcial e aliado a ele a precarização da mão de obra. Percebe-se, então, de acordo com Zuboff (2021, p.605), que o motivo dessa mudança da civilização industrial, apesar de em parte parecer benéfica para a classe trabalhadora, só é um mecanismo de dominação “da natureza humana em prol de objetivos mercadológicos”. Tal sistema é descrito por Zuboff (2021) como capitalismo de vigilância.

O capitalismo de vigilância reivindica de maneira unilateral a experiência humana como matéria-prima gratuita para a tradução em dados comportamentais. Embora alguns desses dados sejam aplicados para o aprimoramento de produtos e serviços, o restante é declarado como superávit comportamental do proprietário, alimentando avançados processos de fabricação conhecidos como “inteligência de máquina” e manufaturado em produtos de predição que antecipam o que um determinado indivíduo faria agora, daqui a pouco e mais tarde. (ZUBOFF, 2021, p.22 )

---

Deste modo é que, ao longo do tempo, os capitalistas de vigilância têm apostado em mercados que controlem o comportamento futuro do proletariado. A falsa sensação de independência que esse sistema oferece, ao contrário dos métodos tradicionais, mantêm o controle dos indivíduos a partir das emoções, personalidades e vozes. O que reforça a ideia de que os dados comportamentais, obtidos através das máquinas automatizadas, têm transformado o conhecimento em poder. Como consequência, a vigilância faz valer sua vontade por meio de dispositivos, coisas e espaços inteligentes conectados em rede. Essa nova espécie de poder, Zuboff (2021, p.23) nomeia como instrumentalismo.

Cardoso (2018) a partir das reflexões propostas por Foucault sobre o estado, atribui que parte do processo do capitalismo de vigilância é fomentado pelo próprio governo quando conduz a conduta de indivíduos e da população. Através de instrumentos de controle, esse relacionamento entre governantes e governados acaba se misturando até formar uma rede de dependência invisível. Os comportamentos são previsíveis e todas as ações dentro dessa rede funcionam conforme o planejado. O modo de manipulação é tão engendrado que os próprios atores envolvidos não se opõem ao modelo.

Para entender na prática como esse controle acontece, podemos usar como exemplo dois megaeventos esportivos que aconteceram no Brasil. Durante a Copa do Mundo em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016, o Estado brasileiro construiu um Sistema Integrado de Comando e Controle (Sicc) para reforçar a segurança e manter o controle de circulação de pessoas e mercadorias nos estabelecimentos. E tudo isso só foi possível devido ao uso de tecnologias da informação e comunicação (TICs) que são usadas para vigilância e monitoramento. Coincidência ou não, logo após a realização desses eventos, o governo federal inaugurou Centros Integrados de Comando e Controle em todas as capitais do país (CARDOSO, 2018).

Tomando como ponto de partida esse cenário, percebe-se que os equipamentos Sicc como caminhões com câmeras em plataformas elevadas, helicópteros com imageadores aéreos, ônibus que funcionam como delegacias móveis e outros equipamentos, foram substituídos em nosso caso por aplicativos e equipamentos de comunicação.

## **ROTINA FLEXÍVEL NA PANDEMIA DE COVID-19**

---

Sendo o jornalismo parte integrante do contexto capitalista, ele deve ser visto, para além do seu papel social, como uma empresa que tem seus gastos, funcionários e precisa de dinheiro para sobreviver e continuar atuando. Em seu relatório sobre o jornalismo pós-industrial, C.W. Anderson e outros autores introduzem que o jornalismo além de ser essencial para o bem social, ele é subsidiado. Na verdade, os autores destacam que o bom jornalismo sempre foi subsidiado:

[...] o mercado nunca foi capaz de suprir o volume de informação que uma democracia exige. A forma mais óbvia é o subsídio público indireto: em troca do acesso gratuito ao espectro eletromagnético, emissoras de rádio e TV precisam (ou precisavam) montar uma operação jornalística de credibilidade. Empresas são obrigadas a pagar pela inserção de publicidade legal em jornais. Publicações impressas recebem tarifas postais favoráveis. (ANDERSON, *et. al*, 2013, p.34)

Para além do contexto monetário e de financiamento que contribuem para compreensão da inserção do jornalismo no ritmo do sistema capitalista, percebe-se que as mudanças ocorridas nos modelos produtivos deste sistema também impactam o setor jornalístico. Um exemplo disso é o conceito de jornalismo pós-industrial, (ANDERSON, *et. al*, 2013) que é compreendido como o jornalismo que não é mais organizado de acordo com a lógica do maquinário de produção.

Tendo que produzir, também surge a necessidade de se rotinizar a produção do profissional jornalista para que haja uma fluidez do processo produtivo no mercado de notícias, como afirma Noblat:

O jornalismo, como qualquer outra profissão, tem rotinas. E ai dele se não tivesse. Sem regras, nada funciona. Muito menos uma redação. Nela trabalhamos sujeitos a surpresas constantes. Justamente por isso é preciso respeitar normas, ter métodos e padrões de comportamento definidos (NOBLAT, 2003, p.122).

Traquina na busca por explicar o porquê das notícias serem como são, compreende que na teoria interacionista a redação trabalha como uma rede noticiosa onde cada jornalista cumpre uma função específica. É assim que surge a necessidade de se rotinizar o trabalho através de um processo produtivo que inclui a percepção do jornalista, seleção e transformação dos acontecimentos em notícias sob a pressão do fator tempo. Assim, segundo o autor, “o conhecimento de formas rotineiras de processar diferentes tipos de ‘estórias’ noticiosas permite aos repórteres trabalhar com mais eficácia”. (TRAQUINA, 2005, p.193).

---

A rotina produtiva nos jornais, ainda que seja muito rígida por causa do fator tempo, está sujeita à alterações. Tal foi o caso de muitas rotinas produtivas de jornais que continuaram atuando durante a pandemia da Covid-19 que atingiu o mundo em 2019. Fazendo parte da família dos vírus que causam infecções respiratórias, o Sars-Cov-2, foi descoberto na província de Wuhan, China, tendo a primeira infecção registrada no Brasil em 26 de fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo. Muito rapidamente os governos executivos, tanto no âmbito federal, estadual e municipal tomaram providências para evitar o avanço do novo coronavírus no país. Várias medidas impactaram os setores ocupacionais, com o segmento jornalístico não foi diferente. Se tornando atividade essencial por meio do decreto de nº 10.288, publicado em 22 de março de 2020 (BRASIL, 2020), a imprensa de todo o país continuou trabalhando apesar das restrições impostas às cidades e estados por seus respectivos governantes, mas mesmo assim teve sua rotina alterada por uma série de protocolos estabelecidos pelas próprias redações para conter a disseminação do vírus. Uma das mudanças se refere justamente à adoção do teletrabalho no modelo de *home office*, sugerida inclusive pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) em uma de suas publicações.

O teletrabalho é definido pela lei nº 13.467/2017, art. 75-B, como sendo “a prestação de serviços preponderantemente fora das dependências do empregador, com a utilização de tecnologias de informação e de comunicação que, por sua natureza, não se constituam como trabalho externo”. Neste sentido, a legislação define que o *home office* é um dos tipos de teletrabalho que são permitidos no país. O fato é que, mesmo permitido, essa modalidade não era tão usual quanto se tornou durante a pandemia. De acordo com a Sociedade Brasileira de Teletrabalho e Teleatividades (SOBRATT, 2020; p.5) “o advento da quarentena imposta pelo covid-19, levaram às empresas que ainda não o tinham adotado à contingência de implantaram-no [*home office*] de maneira emergencial, acelerando o que era tendência para ser uma realidade inexorável”.

Com a adesão do teletrabalho, muitas empresas jornalísticas mandaram empregados que faziam parte do grupo de risco para trabalhar em casa. Dados mostrados por uma pesquisa da FENAJ em junho de 2020, mostrou que a maioria dos jornalistas que participaram da pesquisa (75,2%) estava trabalhando em *home office*, enquanto que apenas 24,8% seguia trabalhando presencialmente.

---

O trabalho *home office* promove discussões a respeito da flexibilização do trabalho, que, como visto, já era uma tendência, porém que o período o impôs de modo mais emergencial. Sennett (2009) falando justamente sobre essa flexibilidade trabalhista, fala que o trabalhador deseja a flexibilidade porque pensa que esta lhe dará mais liberdade, porém ele destaca que:

Na revolta contra a rotina, a aparência de nova liberdade é enganosa. O tempo nas instituições e para os indivíduos não foi libertado da jaula de ferro do passado, mas sujeito a novos controles do alto para baixo. O tempo da flexibilidade é o tempo de um novo poder. (SENNETT, 2009 p.69).

A flexibilidade no contexto do capital não se apresenta como liberdade, mas também como forma de controle. É importante destacar o papel da tecnologia neste contexto: são elas que fornecem toda a estrutura que permite o trabalho flexível. No contexto da pandemia, os jornalistas só puderam trabalhar de casa por causa de seus computadores, celulares, internet e tantos outros dispositivos que permitem o processo de produção, edição e publicação do material jornalístico. Toda essa associação de trabalho flexível com a tecnologia traz à tona o conceito de “flexitempo”.

As organizações flexíveis hoje estão fazendo experiências com vários horários do chamado "flexitempo". Em vez de turnos fixos, que não mudam de mês para mês, o dia de trabalho é um mosaico de pessoas trabalhando em horários diferentes, mais individualizados, (SENNETT, 2009. p. 66)

De acordo com o autor, o trabalho que não é feito mais na empresa, e sim de casa, é um dos tipos de trabalho que constitui o trabalho flexibilizado justamente o que se compreende hoje por *home office*. Associando este termo às realidades de trabalho de muitos jornalistas na pandemia, pode-se considerar a ideia de jornalista flexitempo, tendo em vista que este trabalha de casa com uma rotina mais flexível.

Como o próprio autor destaca, ainda que o trabalho seja flexível, as demandas a cumprir são as mesmas, sem contar que, neste contexto, o trabalho começa se misturar com outros horários e outras demandas da vida de quem trabalha. Tudo isso é vendido de forma vantajosa para o trabalhador que pode não perceber as formas de controle que ficam invisíveis sob o pretexto de um benefício.

## **METODOLOGIA**

---

Para compreender a emergência de práticas de vigilância a partir da mudança nas rotinas produtivas de jornalistas que atuam no telejornalismo, lançou-se mão da entrevista em profundidade, realizada a partir de três entrevistados de diferentes emissoras de TV de Campina Grande/PB que tivessem trabalhado na modalidade de home office.

A entrevista em profundidade como recurso metodológico se legitima não pela quantidade, mas pela qualidade, profundidade, detalhamento e contextualização dos relatos que os entrevistados podem oferecer. Nestes termos, ao analisar os dados buscase as regularidades temáticas e os significados atribuídos a elas. Segundo Duarte e Barros (2015, p. 62) “A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”.

Levando tal contexto em consideração, o recorte das fontes foi realizado, elegendo-se dois produtores e um repórter, sendo um da TV Itararé, outro da TV Borborema e outro da TV Paraíba, que viveram a rotina *home office* durante a pandemia de Covid-19. Tal seleção visa explorar profundamente a singularidade de cada experiência, dando ao entrevistado o protagonismo, uma vez que expressará opiniões, vivências e emoções que constituem, neste caso, suas experiências profissionais em uma dada rotina laboral.

Por motivos éticos, optou-se por omitir suas identidades neste trabalho, identificando-os como Entrevistado 1, Entrevistado 2 e Entrevistado 3. As entrevistas foram realizadas entre os dias 26 de julho e 04 de agosto pela plataforma de reuniões online Google Meet. Após gravadas, as respostas dos entrevistados foram transcritas, organizadas através de linhas temáticas e em seguida analisadas resultando neste material.

Como instrumento de coleta de dados utilizou-se um roteiro de perguntas semiestruturado com perguntas abertas para facilitar o processo de obtenção de respostas, podendo explorar ao máximo todas as informações durante a realização da entrevista.

## **ANÁLISE DE DADOS**

Através dos dados analisados percebeu-se que a pandemia de Covid-19 alterou a rotina dos três jornalistas entrevistados. Até então, eles estavam imersos em uma rotina presencial nas redações, de apuração das informações, produção e execução de pautas. A

pandemia alterou essa forma de trabalho porque, embora tendo que colocar os jornais no ar, eles tiveram que continuar produzindo e cumprindo as demandas de casa. A razão que levou os entrevistados a trabalharem de casa foram: apresentação de sintomas da Covid-19, fazer parte do grupo de risco e morar com pessoas do grupo de risco.

Mesmo em suas residências, os jornalistas prosseguiram com suas atividades diárias, que é a de proporcionar informações para a sociedade, ou seja, entregar um produto final, que passa por um processo de produção, definido pela seleção e a transformação de acontecimentos em notícias. (TRAQUINA, 2005, p. 180). Conforme foi respondido, por mais que a rotina tenha sido alterada, as demandas continuaram iguais às que eram exercidas anteriormente no presencial:

Entrevistado 1: A rotina mudou, tinha o básico, a questão de não sair de casa para ir para a TV, não ter o convívio. A gente sabe que a redação tem uma rotina agitada, porém, eu mantinha a busca pelas informações através de TV, rádio, portais de notícias e redes sociais, selecionava e enviava para execução. (Entrevista realizada em 26 de julho de 2021).

Com as mudanças causadas e o contato com a nova realidade, impactos foram notados e vivenciados pelos profissionais, principalmente pelo fato de as empresas não possuírem uma orientação de como trabalhar no novo formato que a pandemia estava impondo. Alguns entrevistados, como o Entrevistado 1, se sentiram sem uma diretriz específica para trabalhar. Isso evidencia justamente a novidade desta modalidade de trabalho para os jornalistas campinenses, que até então não tinham contato com o *home office*.

Quando questionados sobre as maiores mudanças sentidas com o trabalho remoto, dois entrevistados comentaram sobre as dificuldades de comunicação que aconteciam entre eles, que trabalhavam de casa, e os demais jornalistas que estavam na redação, justamente porque não tinham mais contato direto, como exemplifica a fala do Entrevistado 1: “[...] eu não podia lidar com as equipes. Eu tinha que fazer o contato por meio de aplicativos, fazendo contato direto para enviar pauta para uma equipe que estava na rua, mandar algo direcionado para outra reportagem.”(Entrevista realizada em 26 de julho de 2021). No caso do repórter, ele comentou as dificuldades em se comunicar com seus entrevistados e conseguir a mesma qualidade de material que tinha quando estava atuando de forma presencial. O fato é que todos os entrevistados em alguma instância perceberam que a ausência deles na redação afetou a comunicação deles com outras

---

peessoas, o que era essencial para a fluidez da rotina produtiva. Ainda assim, as ferramentas tecnológicas foram cruciais para este novo modelo de trabalho, mesmo que se perceba que os entrevistados tenham sentido dificuldade de se acharem integrados às equipes das redações. Pelos relatos, percebe-se que foram as plataformas e os dispositivos que deram a infraestrutura básica para que estes trabalhassem de casa.

A pesquisa também mostrou que as empresas envolvidas neste estudo apresentaram divergência nos métodos de controle do horário dos profissionais de TV. Como o ponto eletrônico se tornou inviável, uma das empresas analisadas optou por substituir e registrar o horário de trabalho pelo livro de ponto, como mostrou o Entrevistado 3 “[...] para questão de RH da empresa, a gente tinha o registro em uma folha de ponto, não era ponto eletrônico. O registro era dado de forma manual, preenchido e assinado.” (Entrevista realizada em 04 de agosto de 2021). As outras duas instituições, embora os jornalistas trabalhassem de casa, não utilizaram de nenhum método oficial de controle do horário dos profissionais, permitindo supor que existia uma flexibilidade de trabalho, algo que é justamente inerente ao teletrabalho. Como afirmou o Entrevistado 2:

Não tinha [controle do horário por parte da empresa]. Era muito na produção, então, basicamente, era montar o programa e deixá-lo pronto para ser levado ao ar: botou o programa no ar, tudo certo. A preocupação era ter a produtividade e não com o tempo gasto. (Entrevista realizada em 27 de julho de 2021).

Por fim, o que as falas demonstram é que os entrevistados praticamente tentaram repetir os seus horários de trabalho presencial, em casa, porém esse horário, de alguma forma, se diferenciava, porque os jornalistas se sentiam na obrigação de continuar atuando pela sua vocação e pelas responsabilidades evocadas do tempo de pandemia, como mostra a fala de um dos entrevistados:

Entrevistado 1: Eu busquei em alguns momentos ajudar as equipes que não eram minhas, eu ajudava na produção de conteúdo para outros programas da TV, foi um pouco mais de consciência mesmo. Era um período em que todos os veículos de comunicação estavam precisando se ajudar e eu precisava ajudar de alguma forma, então, eu usei do bom senso para buscar me disponibilizar para ajudar sempre que fosse necessário, independente do meu horário. (Entrevista realizada em 26 de julho de 2021).

---

Os jornalistas comentaram que não se sentiam pressionados pelas suas empresas, e um dos principais fatores era a questão da responsabilidade própria, usando de tal atitude para realizar o seu trabalho e entregando o produto final:

Entrevistado 3: É uma questão muito de responsabilidade própria, eu tive que aprender e aprender bem a dividir os horários para poder dar conta de tudo e ser produtivo. Eu trabalhava no meu quarto, tinha minha mesa, computador, tudo montado para gravar, então foi necessário aprender a dividir os horários para eu entender que meu quarto também é meu ambiente de descanso, para que isso não se misturasse. (Entrevista realizada em 04 de agosto de 2021).

Por mais que não existisse pressão por parte das empresas, eles, os jornalistas, se sentiam pressionados pela própria consciência a trabalhar e mostrar resultados por estarem executando suas atividades de casa, como demonstra a fala de um dos entrevistados:

Entrevistado 2: Eu me sentia pressionado por mim mesmo, a consciência de dizer: você está em casa, mas não é porque você está em casa que você vai fazer menos que os outros. Você precisa mostrar que continua fazendo pelo menos a mesma coisa que vinha fazendo antes, que a sua produtividade, a sua rotina, o seu compromisso não muda pelo fato de estar em casa. Senti a responsabilidade de mostrar que, mesmo estando em casa, eu estava fazendo e produzindo. (Entrevista realizada em 27 de julho de 2021).

Com a realização do trabalho em casa, um dos riscos evidentes é a diminuição da produtividade por parte dos jornalistas, uma vez que eles não tinham contato físico com as equipes e nem com os aparatos técnicos que as emissoras de TV dispunham. Porém, essas ausências podem ser compensadas de outra forma. De acordo com um dos entrevistados, ele compensou explorando uma maior riqueza de informações científicas e dados nas notícias:

Entrevistado 1: Em termo de coleta de dados, pude me dedicar mais, busquei trabalhar pautas com mais dados, com mais pesquisas científicas, então, nesse ponto melhorou. Mas com relação ao contato, ao encaminhamento com o repórter, ao controle de atividade de entrada da transmissão, obviamente, caiu, porque eu não estava com eles. Mas no sentido de pensar do jornalismo, foi bem produtivo sim. (Entrevista realizada em 26 de julho de 2021).

Uma das formas de mostrar o que estava produzindo, citada por um dos entrevistados, foi o uso de *software* para apresentar seu trabalho aos seus superiores, pois ele emitia um relatório no fim do mês de todas as atividades realizadas pelo jornalista. O uso desse tipo de plataforma, ajudou muito a integrar as redações apesar da distância

---

exigidas pelo momento. Enquanto que uma outra empresa utilizava a plataforma paga do Google para conectar os jornalistas em trabalho remoto à redação, outra usava um *software* mais privado à rede de comunicação e outra não tinha uma plataforma específica. O fato é que no caso das duas que possuíam *softwares*, foi necessário passar por um processo de implementação desses recursos nos computadores pessoais dos jornalistas. Para que o trabalho remoto fosse possível, as empresas tiveram que se adequar às necessidades do que o período de pandemia exigia e deram acesso aos jornalistas às atividades que aconteciam na redação, através desses programas.

A pandemia mudou as rotinas produtivas e, certamente, os jornalistas que foram entrevistados que trabalharam de casa durante a pandemia, quiseram mostrar e comprovar para seus superiores que estavam atuando. O trabalho deles, embora não fosse vigiado de forma evidente, mostram alguns aspectos de vigilância através da manutenção de contato constante com as redações e equipes, da adoção de ponto em um dos casos e do uso de plataformas que conseguiam prestar relatórios de atividades exercidas ao longo do mês.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do presente trabalho é possível constatar que a pandemia de Covid-19 impactou o trabalho de jornalistas que atuavam em redações de televisão na cidade de Campina Grande/PB. Como visto, alguns deles passaram por *home office* e tiveram a rotina produtiva alterada.

Neste contexto, a presente pesquisa percebeu que, mesmo adotando o teletrabalho, que é de característica flexível, de alguma forma, as empresas ainda buscaram formas de controle sobre os funcionários. Em um caso específico, em uma das empresas analisadas, viu-se a existência de uma folha de ponto que substituiu o ponto eletrônico. Nas demais, o controle se deu de forma diferenciada, com foco na produtividade, pois mesmo que não exigisse o ponto para checar as horas de trabalho, os entrevistados se sentiam mais cobrados em relação à produtividade e cumprimento das demandas. Em um momento em que se discute as várias modalidades do trabalho a distância, a emergência dos

---

*coworking*<sup>6</sup>, a pejetização<sup>7</sup> dos profissionais, as estratégias de vigilância do trabalho, entre outros, a pesquisa aqui revelada traz elementos importantes que já estão em uso, mesmo que de forma emergencial.

É importante falar sobre o papel da tecnologia no contexto do teletrabalho. A internet e todas as possibilidades que ela favorece são o que permite que o trabalho remoto aconteça. Foi através dela que os *softwares* que eram utilizados na redação possibilitaram que os jornalistas entrevistados continuassem atuando mesmo de longe, mas ainda que integrados ao que acontecia na redação. A comunicação, embora sofrendo por causa da distância, foi mediada por redes sociais e plataformas que conectavam os jornalistas às suas empresas. De alguma forma, o uso desses dispositivos e esse contato constante com os profissionais que atuavam de forma presencial, funcionaram como um controle por parte da empresa. Tais estratégias medem de forma particular o trabalho do empregado, conduzindo suas ações, mesmo que à distância.

Outro aspecto que merece destaque é o desejo dos profissionais por provar sua produtividade. As entrevistas sugerem que estes tinham medo de aparentar que eram preguiçosos e irresponsáveis por estarem trabalhando de casa, por isso eles tentavam estar sempre prontos para suprir qualquer necessidade que surgisse, ao ponto de não terem horário fixo de trabalho e de se sentirem “auto-pressionados” a trabalhar, tendo o jornalismo quase que como um sacerdócio ao ponto de dedicar a vida e também mais horas de trabalho.

As entrevistas realizadas apontam que as empresas não se prepararam e nem prepararam seus funcionários para a nova rotina de trabalho. Uma vez que a pandemia se configurou como um regime de exceção, é compreensível essa falta de organização. Além da falta de treinamento, observou-se também a ausência de políticas claras de trabalho *home office*, por parte das empresas. Esse tipo de situação deixou os profissionais apreensivos e cobradores de si próprios diante da produtividade e do horário de trabalho. Assim, o *home office*, experimentado pelos jornalistas de TV inferidos, apesar de não utilizar de tecnologias avançadas de vigilância do trabalho, se revelam a partir da

---

<sup>6</sup> Modelo de trabalho que se baseia no compartilhamento de espaço e recursos de escritório, reunindo pessoas que não trabalham necessariamente para a mesma empresa ou na mesma área de atuação.

<sup>7</sup> O termo surge da denominação Pessoa Jurídica e é utilizado para descrever o ato de manter empregados através da criação de empresa pelos contratados; a relação passa a ser entre empresas ao invés do contrato de trabalho entre a empresa e seus empregados.

perspectiva do comportamento humano, da vigilância velada, porém, no contexto de uma quarta revolução industrial é preciso acompanhar esse processo disruptivo que se dá com a aplicação de ferramentas tecnológicas de ponta para controlar a produtividade do trabalhador.

Por fim, é necessário destacar que com as transformações advindas com a pandemia, é possível que o *home office* seja um formato que ganhe mais espaço nas redações de telejornalismo com o passar dos anos. Assim, as práticas de vigilância do trabalho que aqui foram vistas de forma muito simplificada e prematura, podem vir a se desenvolver e ganhar novos contornos. Tendo em vista que a tecnologia é quem subsidia todo esse contexto de vigilância e que esta tende a cada vez mais ser desenvolvida e inserida nos contextos de trabalho, seguindo a lógica capitalista, novas perspectivas sobre o trabalho do jornalista devem ser investigadas e compreendidas.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, C.W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**. Abril, Maio, Junho de 2013, Nº 5, Ano 2; ISSN 2238- 2305.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**; ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

BRASIL. **Decreto no 10.288, de 22 de março de 2020**. Regulamenta a Lei no 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir as atividades e os serviços relacionados à imprensa como essenciais. Brasília/DF: Diário Oficial da União [2020]. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/web/dou/-/decreto-n-10.288-de-22-de-marco-de-2020-249098577>>. Acesso em: 9 ago 2020.

CARDOSO, Bruno. Estado, tecnologias de segurança e normatividade neoliberal. In: BRUNO, Fernanda et al. (org.). **Tecnopolíticas da vigilância**: perspectivas da margem. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 91-105

COUTINHO, M. C. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. v. 12, n. 2, p. 190-191, 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v12n2/a05v12n2.pdf>>. Acesso em 07 jul 2021.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015.

FENAJ. **Covid-19 entre jornalistas: Cresce pressão no trabalho; profissionais têm salário reduzido**. 17 jun. 2020. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/covid-19-entre-jornalistas-cresce-pressao-no-trabalho-profissionais-tem-salario-reduzido/>>. Acesso em 05 fev. 2021.

---

MONTEIRO, Patrícia; SIQUEIRA, Fabiana. **Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na Internet**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SANTOS, Cleito Pereira dos. **Trabalho, tecnologia e vigilância no capitalismo contemporâneo**. Sociologia em rede, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 2-16, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/16405/5/Artigo%20-%20Cleito%20Pereira%20dos%20Santos%20-%20202011.pdf>>. Acesso em 26 jul 2021.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 14 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SOBRATT. **Orientação para implementação e prática do home office**, Novembro de 2020. Disponível em: <<http://www.sobratt.org.br/index.php/cartilha-de-teletrabalho/>> Acesso em: 05 fev. 2021.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Vol 1. 3º ed. Insular, 2005.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância; a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. São Paulo, Intrínseca, 2021.